



COEFICIENTES DE ABERTURA COMERCIAL



Importância do mercado externo para as vendas da indústria mantém-se inalterada

No acumulado do ano (até junho de 2018), a indústria não aumenta foco no mercado externo para suas vendas, na comparação com 2017 (janeiro-dezembro), enquanto mantém ritmo de crescimento das importações.

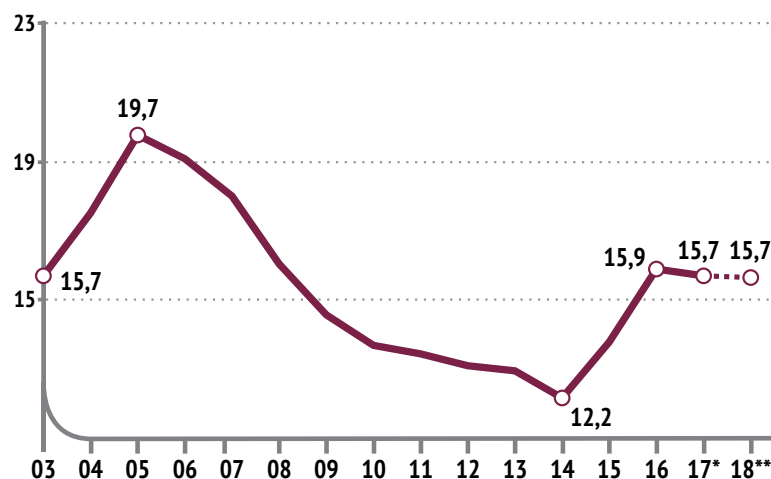
O coeficiente de exportação, que mede a participação das exportações na produção, mantém-se estável em 15,7% no acumulado em 12 meses (findo em junho de 2018), na série a preços constantes. Entre 2017 e o acumulado do ano (até junho de 2018), o volume exportado

pela indústria de transformação cresce 1,6%, quase o mesmo ritmo de aumento registrado pela produção do segmento (1,9%, a preços de 2007).

A apreciação do real dos últimos dois anos contribuiu para a desaceleração, em 2017, do volume exportado. Desde o final de janeiro de 2018, a taxa de câmbio iniciou movimento de depreciação, o que estimula as exportações, mas ainda é cedo para esse efeito se fazer notar. Adicionalmente, o cenário é de maior instabilidade, o que gera incerteza sobre a receita e reduz o efeito positivo sobre as vendas externas.

Coeficiente de exportação da indústria de transformação

Em % - preços constantes



*Estimativa

**Estimativa do acumulado em 12 meses, findo em junho.

A moeda brasileira se depreciou 10,6% frente a uma cesta de moedas entre o acumulado em 12 meses até junho de 2018 e igual período anterior. O comportamento do mercado cambial resulta de incertezas tanto no plano externo, como no ambiente doméstico.

No plano externo, a política de elevação dos juros pelos Estados Unidos gera pressões principalmente sobre as moedas dos países emergentes. A Argentina, importante parceiro comercial do Brasil de bens manufaturados, é uma das economias mais afetadas, o que traz pressões adicionais sobre a recuperação das exportações brasileiras. A taxa de câmbio no Brasil também é afetada pelas incertezas do mercado interno, marcado pela lenta recuperação da confiança de empresários e consumidores e pelo quadro político indeterminado.



Em relação às importações, o coeficiente de penetração, que mede a parcela de importados no consumo aparente (a soma da produção destinada ao mercado doméstico com as importações), cresce de 17,1%, em 2017, para 17,5% no acumulado em 12 meses (findo em junho de 2018), na série a preços constantes. Apesar da instabilidade cambial, o indicador mantém trajetória de recuperação iniciada em 2017, após cair por três anos consecutivos.

O real depreciado desestimula importações, que se tornam mais caras, mas ainda é cedo para esse efeito ser sentido pelas quantidades importadas. A alta do coeficiente de penetração ainda reflete a apreciação do real em 2016 e 2017, bem como a recuperação, mesmo que frágil, da demanda doméstica.

Comportamento similar é apresentado pelo coeficiente de insumos industriais importados. Entre 2017 e o acumulado em 12 meses até junho de 2018, a participação de importados no total de insumos industriais consumidos pela indústria de transformação cresceu de 23,1% para 23,4%, na série a preços constantes.

Diante da estabilidade das vendas externas e do crescimento, ainda que em ritmo moderado, do consumo de insumos industriais importados, o coeficiente de exportações líquidas reforça movimento de queda iniciado em 2017, após crescer por dois anos consecutivos. O indicador, que mostra a diferença entre a receita com exportações e o gasto com insumos industriais importados (ambos medidos em relação ao valor da produção), caiu de 6,5%, em 2017, para 6,1% no acumulado em 12 meses (findo em junho de 2018), na série a preços correntes.

Coefficientes de abertura comercial da indústria de transformação – preços constantes

Acumulado em 12 meses, até o mês de referência
Em %

COEFICIENTES	DEZ/15	JUN/16	DEZ/16	JUN/17*	DEZ/17*	JUN/18*
Coeficiente de exportação	13,8	15,7	15,9	15,6	15,7	15,7
Coeficiente de penetração de importações	16,7	16,4	16,5	16,8	17,1	17,5
Coeficiente de insumos industriais importados	23,7	23,2	22,1	22,7	23,1	23,4
Coeficiente de exportações líquidas	2,1	4,5	4,9	4,3	4,0	3,8

* Estimativa

Coefficientes de abertura comercial da indústria de transformação – preços correntes

Acumulado em 12 meses, até o mês de referência
Em %

COEFICIENTES	DEZ/15	JUN/16	DEZ/16	JUN/17*	DEZ/17*	JUN/18*
Coeficiente de exportação	18,4	20,3	19,0	18,1	18,3	18,8
Coeficiente de penetração de importações	21,2	21,0	18,8	17,8	18,2	19,5
Coeficiente de insumos industriais importados	27,9	27,3	24,0	23,0	23,5	24,6
Coeficiente de exportações líquidas	3,9	6,6	7,3	6,9	6,5	6,1

* Estimativa

COEFICIENTE DE EXPORTAÇÃO

Participação das exportações na produção da indústria não retoma crescimento

O coeficiente de exportação da indústria de transformação brasileira manteve-se estável em 15,7% no acumulado do ano (12 meses até junho de 2018), na comparação com 2017 (a preços constantes). O indicador, que cresceu de 12,2% para 15,9% entre 2014 e 2016, mostra-se relativamente estável desde então.

O indicador mede a importância do mercado externo para a produção do setor. No acumulado de 12 meses até junho de 2018, o volume exportado pela indústria de transformação mostra alguma recuperação. Na comparação com 2017 (janeiro-dezembro), o volume exportado cresceu 1,6%, quase o mesmo ritmo de aumento do volume produzido (1,9%). No acumulado de 12 meses até junho do ano passado, o volume exportado havia recuado 0,5%, na comparação com 2016, enquanto o volume produzido cresceu 1,3%.

A apreciação do real dos últimos dois anos contribuiu para a desaceleração, em 2017, do volume exportado. Desde o final de janeiro de 2018, a taxa de câmbio iniciou movimento de depreciação, o que estimula as exportações, mas o cenário é de maior instabilidade.

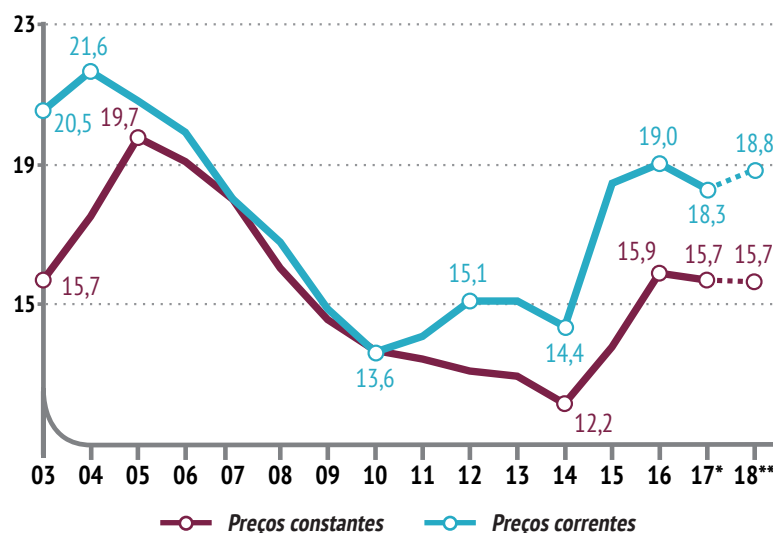
No plano externo, a política de elevação dos juros nos Estados Unidos para acomodação de mudanças nas condições domésticas, mesmo que gradual, reduz a liquidez internacional e gera pressões principalmente sobre as moedas das economias emergentes. A Argentina, um dos principais parceiros comerciais do Brasil de bens manufaturados, é uma das economias mais afetadas, o que traz pressões adicionais para recuperação das exportações brasileiras. Há ainda risco associado às tensões comerciais entre os principais *players* do comércio mundial.

No Brasil, as pressões sobre a taxa de câmbio resultam igualmente das incertezas do mercado interno, marcado por lenta recuperação da confiança de empresários e consumidores e pelo quadro político indeterminado. No acumulado em 12 meses (findo em junho de 2018), o real depreciou-se 10,6% frente a uma cesta de moedas, na comparação com o mesmo período anterior (acumulado em 12 meses até junho de 2017).

Na série a preços correntes, o coeficiente de exportação da indústria de transformação voltou a registrar crescimento.

Coeficiente de exportação da indústria de transformação

Em %



*Estimativa

**Estimativa do acumulado em 12 meses, findo em junho.



O indicador aumentou de 18,3%, em 2017, para 18,8%, no acumulado em 12 meses até junho de 2018, e praticamente retornou ao patamar de 2016 (19%), antes da reversão da tendência de alta. O resultado reflete o efeito do real depreciado sobre o preço, em reais, das exportações, que se somou ao efeito sobre as quantidades exportadas. Em reais, o valor das exportações cresceu 6,5% entre 2017 e o acumulado em 12 meses, findo em junho de 2018. Na mesma base de comparação, o valor da produção, a preços correntes, cresceu 3,6%.

No acumulado em 12 meses até junho de 2018, a maioria dos setores da indústria de transformação apresentou redução ou estabilidade do coeficiente de exportação a preços constantes, na comparação com 2017. As maiores quedas foram registradas por: Metalurgia, Veículos automotores, Farmoquímicos

e farmacêuticos e Alimentos. No caso de Veículos automotores, o aumento do volume exportado foi inferior ao crescimento registrado pelo volume produzido (1,5% contra 8,4%), o que reflete retomada da demanda doméstica. Nos demais setores, houve queda do volume exportado, acompanhada de aumento ou queda menor do volume produzido.

Em relação aos setores que apresentaram alta do coeficiente, destacam-se: Outros equipamentos de transporte, Fumo, Produtos de madeira, Celulose e papel e Produtos têxteis. Nos setores de Produtos de madeira e Celulose e papel, o aumento do volume produzido foi acompanhado de crescimento ainda maior do volume exportado. Nos demais setores, a alta do coeficiente resultou de aumento do volume exportado, sendo intensificada por queda no volume produzido.

Coeficientes de exportação

Setores com as maiores variações

Variação entre o acumulado até dez/17 e o acumulado até jun/18
Preços constantes

SETORES		COEFICIENTES		VARIAÇÃO (p.p.)
		Acumulado em 12 meses até o mês de referência (%)		
		DEZ/17*	JUN/18*	
Principais altas	Outros equipamentos de transporte	37,3	49,6	12,3
	Fumo	40,2	46,7	6,5
	Madeira	34,4	35,4	1,0
	Celulose e papel	31,7	32,5	0,8
	Produtos têxteis	11,7	12,4	0,7
Principais quedas	Metalurgia	37,5	35,6	-1,9
	Veículos automotores	15,1	14,2	-0,9
	Farmoquímicos e farmacêuticos	12,1	11,5	-0,6
	Alimentos	20,8	20,3	-0,5

* Estimativa

Máquinas e equipamentos continuam a ampliar participação das exportações na produção

O coeficiente de exportação do setor de Máquinas e equipamentos mantém trajetória de crescimento desde 2015. Na comparação com 2013, ano de seu menor percentual desde o início da série histórica em 2003, o indicador cresceu de 11,6% para 19,1% no acumulado em 12 meses (findo em junho de 2018), na série a preços constantes. O aumento de 7,5 ponto percentual (p.p.) só não é maior que o registrado por Produtos de madeira (16,3 p.p.), Metalurgia (11,1 p.p.) e Celulose e papel (8,5 p.p.).

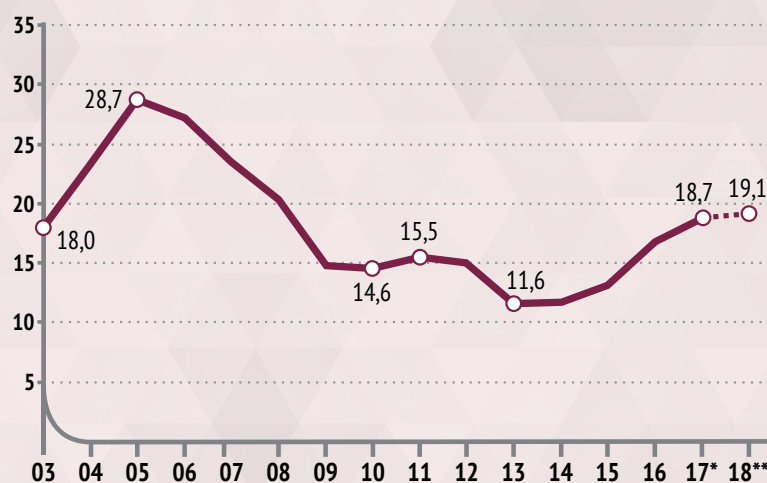
Cabe ressaltar que, o efeito da depreciação do real do período 2012-2015 só apareceu nas exportações de máquinas e equipamentos em 2016, ano em que o setor começou a registrar aumento das quantidades exportadas. Ademais, a principal razão para o aumento do seu coeficiente de exportação foi a queda na atividade doméstica.

Entre 2013 e 2015, enquanto as quantidades exportadas recuaram 12,8%, a produção registrou queda de 23,2% (a preços de 2007). Em 2016, o setor passou a registrar alta das quantidades exportadas (9,2%), mas a produção continuou em queda, devido à menor demanda doméstica (14,5%), na comparação com 2015.

A mudança na trajetória da taxa de câmbio a partir de 2016 – com apreciação do real nos últimos dois anos – não afetou o movimento de alta do coeficiente de exportação. Entre 2016 e 2017, a produção do setor voltou a crescer (2,9%), mas o crescimento das quantidades exportadas foi maior (15%). No acumulado em 12 meses (até junho de 2018), o ritmo de crescimento das quantidades exportadas caiu (4,3%), mas manteve-se superior ao da produção (2,1%), na comparação com 2017.

Coeficiente de exportação – Máquinas e equipamentos

Em % - preços constantes



*Estimativa

**Estimativa do acumulado em 12 meses, findo em junho.

COEFICIENTE DE PENETRAÇÃO DE IMPORTAÇÕES

Participação de importados no consumo mantém crescimento

No acumulado do ano (12 meses até junho de 2018), o coeficiente de penetração de importações da indústria de transformação cresceu de 17,1%, em 2017, para 17,5% (a preços constantes). O indicador confirmou a trajetória de recuperação iniciada em 2017, após cair por três anos consecutivos. Entre 2016 e o acumulado em 12 meses até junho de 2018, o coeficiente acumulou alta de 1,0 ponto percentual, e quase retornou ao patamar de 2014 (17,8%).

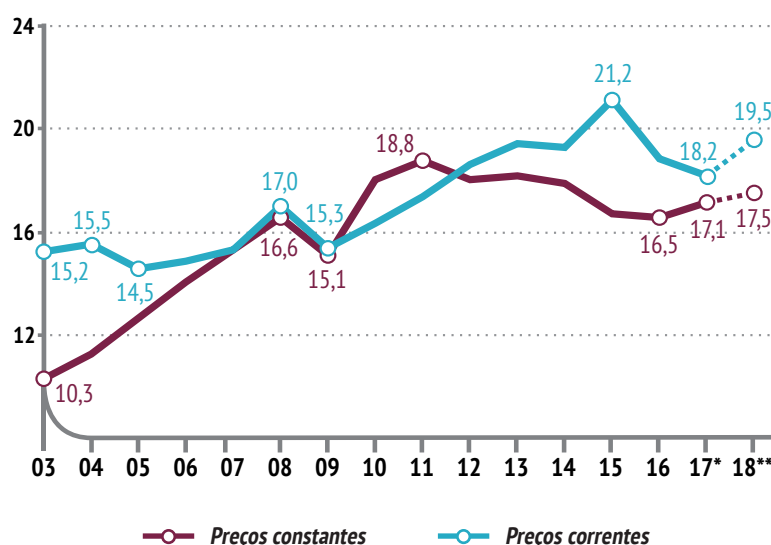
O coeficiente de penetração das importações mede a parcela de produtos importados no consumo aparente (a soma do valor da produção destinada ao mercado doméstico com as importações). Entre 2017 e o acumulado em 12 meses (findo em junho de 2018), o volume importado aumentou 4,8%, acima do crescimento de 2,5% do consumo aparente (a preços de 2007). Cabe ressaltar que o crescimento atual do volume importado também foi superior ao registrado em igual período anterior (3,7% entre 2016 e o acumulado em 12 meses até junho de 2017). Naquela ocasião, o crescimento do consumo aparente foi de 2,0%.

O real mais depreciado desestimula importações, que se tornam mais caras. Esse efeito ainda não aparece sobre as quantidades importadas, que mantêm trajetória de crescimento. A alta do indicador ainda reflete a apreciação do real em 2016 e 2017, bem como a recuperação da demanda doméstica.

A preços correntes, o coeficiente de penetração de importações interrompeu o movimento de queda observado desde 2016. Entre 2017 e o acumulado em 12 meses (findo em junho de 2018), o indicador cresceu de 18,2% para 19,5%. Com o real mais depreciado, o preço das importações, em reais, se eleva. Esse efeito se soma ao aumento das quantidades importadas, o que explica o crescimento ainda maior do coeficiente a preços correntes. Na mesma base de comparação, enquanto as quantidades importadas cresceram 4,8%, o valor em reais das importações cresceu 12,5%.

Coeficiente de penetração de importações da indústria de transformação

Em %



*Estimativa

**Estimativa do acumulado em 12 meses, findo em junho.

No acumulado em 12 meses (findo em junho de 2018), apenas 2 dos 23 setores da indústria de transformação (Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis e Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos) registraram queda do coeficiente de penetração de importações (a preços constantes), na comparação com 2017. Os outros 21 setores apresentaram estabilidade ou aumento do indicador.

As maiores altas no período foram registradas por: Outros equipamentos de transporte, Produtos diversos, Máquinas e equipamentos, Vestuário e acessórios, Farmoquímicos e farmacêuticos e Produtos de metal. Nos casos de Outros equipamentos de transporte e de Vestuário e acessórios, houve queda do consumo aparente, acompanhada de aumento das quantidades importadas. Nos demais setores, o aumento das quantidades importadas superou o crescimento registrado pelo consumo aparente.

Coeficientes de penetração de importações

Setores com as maiores variações

Variação entre o acumulado até dez/17 e o acumulado até jun/18
Preços constantes

SETORES		COEFICIENTES		VARIAÇÃO (p.p.)
		Acumulado em 12 meses até o mês de referência (%)		
		DEZ/17*	JUN/18*	
Principais altas	Outros equipamentos de transporte	19,0	30,4	11,4
	Produtos diversos	30,2	32,5	2,3
	Máquinas e equipamentos	29,1	30,9	1,8
	Vestuário e acessórios	8,3	9,6	1,3
	Farmoquímicos e farmacêuticos	39,5	40,7	1,2
	Produtos de metal	13,9	15,0	1,1
Principais quedas	Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis	29,6	28,2	-1,4
	Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	21,7	21,2	-0,5

* Estimativa

COEFICIENTE DE INSUMOS INDUSTRIAIS IMPORTADOS

Uso de insumos industriais importados mantém crescimento, mas ritmo se reduz

A participação de insumos industriais importados no total de insumos industriais utilizados pela indústria de transformação – coeficiente de insumos industriais importados – também continua movimento de alta iniciado em 2017, mas com menor intensidade. O indicador a preços constantes cresceu de 23,1%, em 2017, para 23,4%, no acumulado em 12 meses até junho de 2018 (alta de 0,3 ponto percentual). No mesmo período anterior (entre 2016 e o acumulado em 12 meses até junho de 2017), o indicador cresceu

0,6 ponto percentual, de 22,1% para 22,7%. Entre 2016 e 2017, o indicador cresceu 1,0 ponto percentual, de 22,1% para 23,1%.

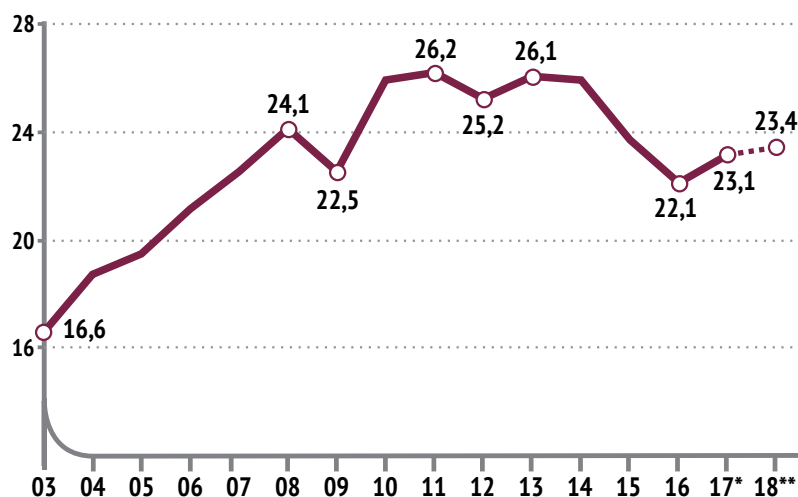
O aumento do coeficiente de insumos industriais importados ainda reflete a apreciação do real nos últimos dois anos. Entre 2017 e o acumulado em 12 meses (findo em junho de 2018), o consumo de insumos industriais importados cresceu 3,1%, enquanto o consumo de insumos industriais domésticos cresceu 1,4%.

Dos 19 setores considerados, apenas Produtos químicos e Metalurgia apresentaram queda do coeficiente de insumos industriais importados no acumulado em 12 meses (findo em junho de 2018), na comparação com 2017. No setor de Produtos químicos, houve queda do consumo total de insumos industriais no período, sendo que o consumo de insumos importados caiu mais que o consumo de insumos domésticos. Já no setor de Metalurgia, enquanto o consumo de insumos industriais domésticos cresceu, o consumo de insumos industriais importados caiu.

As maiores altas do coeficiente no período foram registradas por Outros equipamentos de transporte, Farmoquímicos e farmacêuticos, Máquinas e equipamentos e Máquinas, aparelhos e materiais elétricos. No setor Outros equipamentos de transporte, a parcela do consumo de insumos industriais domésticos não variou, enquanto a parcela do consumo de insumos industriais importados registrou alta. Nos demais setores em destaque, o aumento do consumo de insumos industriais importados superou o aumento do consumo de insumos industriais domésticos.

Coeficiente de insumos industriais importados da indústria de transformação

Em % - preços constantes



*Estimativa

**Estimativa do acumulado em 12 meses, findo em junho.

Coeficientes de insumos industriais importados

Setores com as maiores variações

Variação entre o acumulado até dez/17 e o acumulado até jun/18

Preços constantes

SETORES		COEFICIENTES		VARIAÇÃO (p.p.)
		Acumulado em 12 meses até o mês de referência (%)		
		DEZ/17*	JUN/18*	
Principais altas	Outros equipamentos de transporte	19,9	25,1	5,2
	Farmoquímicos e farmacêuticos	43,7	44,8	1,1
	Máquinas e equipamentos	20,4	21,3	0,9
	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	25,3	26,2	0,9
Principais quedas	Químicos	40,4	39,8	-0,6
	Metalurgia	31,2	30,7	-0,5

* Estimativa

COEFICIENTE DE EXPORTAÇÕES LÍQUIDAS

Coeficiente de exportações líquidas continua em queda

O coeficiente de exportações líquidas da indústria de transformação, a preços correntes, caiu de 6,5%, em 2017, para 6,1% no acumulado em 12 meses (findo em junho de 2018). O indicador reforçou o movimento de queda iniciado em 2017, após crescer por dois anos consecutivos.

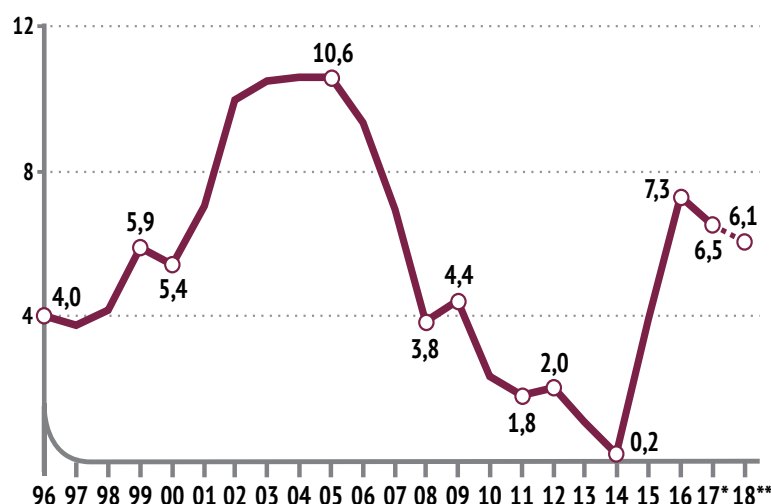
O coeficiente de exportações líquidas é a diferença entre a receita com exportações e a despesa com insumos industriais importados (ambos medidos em relação ao valor da produção). Quando a receita com exportações supera a despesa com insumos industriais importados, o coeficiente é positivo. Nesse caso, uma depreciação do real tende a beneficiar o setor no curto prazo, pois eleva o valor em reais das exportações e das importações. Como a receita com as vendas externas supera o gasto com insumos importados, o efeito é positivo.

Entre 2017 e o acumulado em 12 meses (até junho de 2018), a maioria dos setores apresentou redução do coeficiente de exportações líquidas. Apesar das quedas, o número de setores com coeficientes positivos se manteve em 10 entre 19 setores considerados. As maiores quedas foram registradas por: Móveis e produtos diversos, Farmoquímicos e farmacêuticos, Impressão e reprodução de gravações, Veículos automotores e Couros e calçados. Desses, apenas Veículos automotores e Couros e calçados possuem coeficientes positivos (3,3% e 15,3%, respectivamente).

Apenas Outros equipamentos de transporte, Produtos de madeira e Celulose e papel registraram alta do coeficiente de exportações líquidas no período. Esses são também os setores com os maiores coeficientes de exportações líquidas (63,9%; 35,6% e 29,0%, respectivamente).

Coeficiente de exportações líquidas da indústria de transformação

Em % - preços correntes



*Estimativa

**Estimativa do acumulado em 12 meses, findo em junho.



Coeficientes de exportações líquidas Setores com as maiores variações

Variação entre o acumulado até dez/17 e o acumulado até jun/18
Preços correntes

SETORES		COEFICIENTES		VARIAÇÃO (p.p.)
		Acumulado em 12 meses até o mês de referência (%)		
		DEZ/17*	JUN/18*	
Principais altas	Outros equipamentos de transporte	51,5	63,9	12,4
	Celulose e papel	25,2	29,0	3,8
	Madeira	34,1	35,6	1,5
Principais quedas	Móveis e produtos diversos	-0,4	-11,2	-10,8
	Farmoquímicos e farmacêuticos	-10,5	-12,3	-1,8
	Impressão e reprodução	-19,8	-21,6	-1,8
	Veículos automotores	5,0	3,3	-1,7
	Couros e calçados	16,9	15,3	-1,6

* Estimativa



Veja mais

Mais informações como dados setoriais, edições anteriores, versão inglês, metodologia da pesquisa e série histórica em: www.cni.com.br/cac